

Reunião de família dos Gus tem 20 médicos

O cardiologista clínico Miguel Gus é “filho”, “sobrinho” e “primo de peixe”. Seu pai, o professor Iseu Gus, também está na profissão. E os tios, Pedro e Januário, embora não sejam cardiologistas, são médicos e pais de três primos médicos do personagem central desta seção.

“São tantos médicos na família, entre os Gus e os agregados, isto é, médicos que se casaram com gente da nossa família, que recentemente fizemos um jantar com toda a turma e, no total, contamos 20 médicos”, conta Miguel. Na realidade, as reuniões da família Gus estão mais para congresso científico do que para confraternização.

Miguel é cardiologista clínico formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e trabalha no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, ligado à instituição, e no Hospital Moinho de Vento. Diz que optou pela medicina pelo exemplo do pai, de quem sempre foi muito próximo.

“Por 22 anos, dividi o consultório com meu pai que, embora não tivesse me dado aula na faculdade, pois lecionava em outro estabelecimento, foi um verdadeiro professor, me orientando no consultório, onde atendíamos os mesmos pacientes”. O trabalho conjunto também se estendeu ao preparo dos livros do pai, em particular ao de uma obra de eletrocardiografia que ficou famosa, tanto que já tem quatro edições.

Em contrapartida, enquanto o pai foi o exemplo que levou Miguel a seguir a carreira médica e também a escolher a cardiologia como especialização, o pai se espelhou no filho para fazer seu doutorado em 2006. “Quando meu pai se formou não havia a carreira médica como agora, que começa na faculdade, passa pela residência, mestrado e doutorado”, conta Miguel.

Ele se formou no Rio Grande do Sul, em 1958, e foi para o México, fazer especialização. Na volta, em 1963, começou a clinicar e só recentemente resolveu fazer o doutorado. Miguel não conhece nenhum outro caso de um doutorando na idade do pai e conta, entusiasmado, como o professor Gus fez uma compilação de seus trabalhos sobre epidemiologia e enfrentou a arguição da banca com total tranquilidade. “Não é porque é meu pai”, diz ele, “mas os trabalhos eram muito bons e, é claro, depois da prova a família toda se reuniu, para uma grande comemoração”.

Hoje, por estar trabalhando em dois hospitais, Miguel não divide mais o consultório com o pai, que continua na ativa, como responsável pelo Serviço de Epidemiologia do Instituto de Cardiologia do Rio Grande do Sul e como líder e incentivador de vários bons pesquisadores. Mas continua muito próximo e, confessa, também muito grato pelo exemplo do pai e dos tios, todos eles profissionais de sucesso. À gratidão, ele acrescenta um certo orgulho porque, aposentado, o professor Gus continua clinicando, fazendo seus trabalhos de assistência e prestando bons serviços à saúde dos seus muitos pacientes.

“

Por 22 anos, dividi o consultório com meu pai que, embora não tivesse me dado aula na faculdade, pois lecionava em outro estabelecimento, foi um verdadeiro professor, me orientando no consultório, onde atendíamos os mesmos pacientes.

”

Miguel Gus, com o pai e orientador, Iseu Gus.



Foto: Arquivo pessoal